

CARTA DO LÍBANO

UMA NAÇÃO
EM FRANGALHOS

Embaixadora
Carla Jazzar

A NOVA VOZ DO
LÍBANO NO BRASIL

ESPECIAL

mulheres inspiradoras 4

Exemplos de força, resiliência e
solidariedade para tempos de crise

Alessandra
Saddi

UMA INFLUENCER
ALÉM DO DIGITAL

Carolina Massad Cury

Ana Claudia
Badra Cotait

Amra Zatar de Antar

Juliana Kappáz
Sabbag

Julianne Daud

Ghada Fares

Mônica Srur Rosales

Heloisa Abreu
Dib Julien

Vivian Khouri Samara

Leila Youssef
Kuczynski

Alessandra Frisso

UM NOVO VEÍCULO
DE INFORMAÇÃO COM
FATOS E PERSONAGENS
MARCANTES DA
VIDA NACIONAL



CADERNO DO
BRASIL

Site: www.cadernodobrasil.com.br
Email: contato@cadernodobrasil.com.br
Fone: 11 3129.2971



CARTA DO LÍBANO LTDA

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA · ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS
ROSE LANE CÉSAR

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3129.2971

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - C.J. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000

WWW.CARTADOLIBANO.COM.BR



NOSSA CAPA
ALESSANDRA SADDI
FOTO
DIVULGAÇÃO

EDITORIAL

A TERRA DOS CEDROS PRECISA DE AJUDA, URGENTE E IMEDIATA

O Líbano está implodindo diante de nossos olhos. A terra dos cedros oferece uma paisagem desolada, quente e seca: desordem civil crescente, violência por parte de facções armadas, assassinatos, falência do Estado, colapso financeiro.

Como Nero brinca enquanto Roma queima, as desacreditadas classes políticas libanesas não se entendem para formar um governo competente e técnico, algo cada vez mais distante graças às recusas do trio pró-Irá: o presidente Michel Aoun, seu genro Gebran Bassil e chefe da milícia Hezbollah, Hassan Nasrallah.

Ao mesmo tempo, o apelo do cardeal Bechara al-Rai, patriarca da Igreja Maronita, pela internacionalização da causa libanesa e sua insistência na neutralidade do país, ganha cada vez mais força com o apoio da população muçulmana e cristã dentro e fora do Líbano. “O desrespeito à neutralidade é a única causa de todas as crises e guerras pelas quais o país passou”, argumentou o patriarca em seu discurso no dia 27 de fevereiro. “Não há nenhum estado com dois poderes dentro dele, nem com dois exércitos ou dois povos”, disse Al-Rai. O Líbano nunca poderá desfrutar de estabilidade ou tranquilidade sem o desarmamento total de todas as entidades não estatais: palestinos, Hezbollah, gangues criminosas, extremistas e facções políticas.

O cardeal Bechara al-Rai sabiamente está convocando os libaneses da diáspora, seus amigos e o mundo a tomarem agora uma ação decisiva, a fim de salvar e proteger a terra dos cedros e seu povo.



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

[@cartadolibano](https://www.facebook.com/cartadolibano)

[@cartadolibano](https://www.instagram.com/cartadolibano)

**FAÇA DO SEU
CARTÃO DE CRÉDITO
UMA ARMA.**

**ENTRE NESSA GUERRA
SEM SAIR DE CASA.**

GUERRA
AO
CORONAVÍRUS

Ajude a Santa Casa de SP na guerra ao coronavírus. É muito simples participar: cadastre seu cartão de crédito em nossa plataforma e todas as compras realizadas terão o valor arredondado para que a diferença seja doada à Santa Casa de SP. Por exemplo: caso realize uma compra no valor de R\$ 15,50, o sistema arredonda a cobrança para R\$ 16,00 e os R\$ 0,50 a mais serão doados automaticamente para nossa instituição. Os valores acrescidos nunca passam de R\$ 0,99 por compra. Junte-se à Santa Casa de SP nessa guerra: seus centavos salvam vidas.

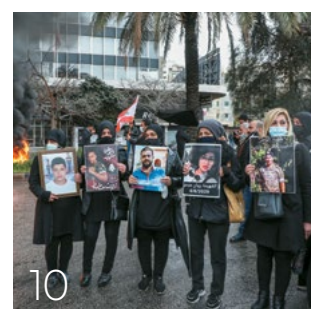
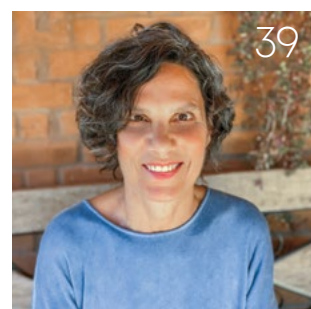
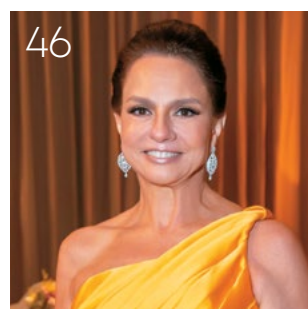
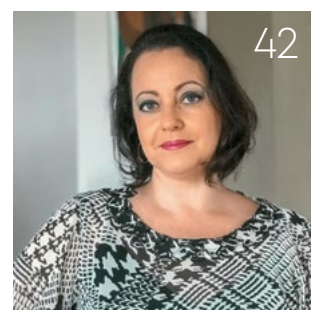
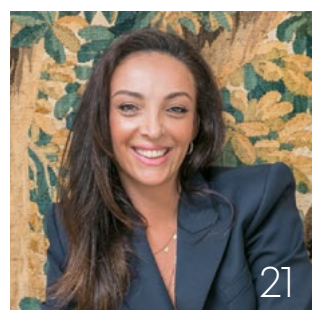
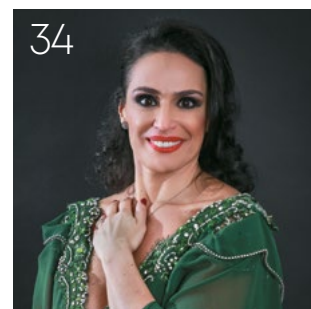


santacasasp.org.br/doe

SUMÁRIO

ANO 26 • NÚMERO 179 • 03.2021

CARTA DO
LIBANO



08 | Cartas

10 | Uma nação em frangalhos

Mantido refém pelo Hezbollah, o Líbano caminha a passos largos para o colapso

14 | Embaixadora Carla Jazar

A nova voz do Líbano no Brasil

18 | Alessandra Saddi

Uma influencer além do digital

21 | Carolina Massad Cury

Arte na profissão, Líbano no coração

24 | Ana Claudia Badra Cotait

Empreendedorismo feminino: uma realidade

28 | Amra Zatar de Antar

O amor por três países e pela vida

31 | Juliana Kappáz Sabbag

Cinema como ação social

34 | Julianne Daud

Arte, música e celebração

36 | Ghada Fares

Por um 2021 melhor

39 | Mônica Srur Rosales

Uma vida voltada para solidariedade

42 | Heloisa Abreu Dib Julien

O amor pela história

46 | Vivian Khouri Samara

Empatia e satisfação

50 | Leila Youssef Kuczynski

Os sabores do coração

56 | Alessandra Frisso

Inspiração e engajamento

58 | Casa Hunter

Mais do que nunca, é hora de fazer o bem

62 | Edmo Atique Gabriel

Continuismo ou reinvenção?



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR US\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO ITAÚ • AGÊNCIA 0186 • CONTA CORRENTE 09161-7

CARTAS

Meu caro patrício Fouad Naime,

“*Carta do Líbano tem nos trazido em todos os números inestimáveis informações e resgate da história dos nossos antepassados.*”

Mas a edição especial que resgata a história da formação do Grande Líbano, talvez mais importante do que a própria independência, merece um destaque especial. Os detalhes dos bastidores dos contatos mantidos pelas lideranças maronitas com a administração francesa revelam fatos que, em geral, não são conhecidos pela nossa comunidade. Parabéns.

Paulo Sarkis é engenheiro, ex-reitor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Santa Maria, RS

Prezado Fouad Naime,

“*Agradeço o envio dos exemplares da Edição Especial Líbano, da Carta do Líbano, na qual muito me honrou a publicação de minha entrevista em comemoração aos 100 anos do Grande Líbano. Na oportunidade, reitero manifestações de distinta consideração e apreço.*”

José Roberto Tadros é presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo Rio de Janeiro, RJ



Primo,

“*Recebi a revista. Gostei muito. Bela edição especial. Excelentes colaboradores e textos. Fiquei com saudade do meu tempo de mídia impressa. Abraços.*”

Fernando Mitre é jornalista, diretor nacional de jornalismo nacional da Rede Bandeirantes São Paulo, SP

Prezado Fouad Naime

“*Recebi a última edição da revista Carta do Líbano e quero parabenizá-la pela qualidade editorial e pelas entrevistas com descendentes de libaneses, apaixonados que são pela terra de nossos antepassados, que ocupa também o nosso coração.*”

Lendo o conteúdo dessa edição, pude relembrar muitas das experiências vividas durante minha última viagem ao país dos cedros que - como o estampado na bandeira libanesa - retrata a força e a perenidade da cultura, do espírito firme, da religiosidade e da postura pacificadora, humanitária de seu povo e de seus descendentes.guardo ansiosamente a oportunidade de rever o Líbano.

Antônio Hallage é governador e diretor do Rotary International Curitiba, PR



Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

CIRURGIÃO CARDIOVASCULAR E PALESTRANTE

Atendimento premium nas cidades de São José do Rio Preto, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

CONTATOS

E-MAIL: dredmogabriel@gmail.com

SITE: doutorgabrielcardio.com.br

INSTAGRAM: [@edmoagabriel](https://www.instagram.com/@edmoagabriel)

BLOG: coracaomoderno.com.br

UMA NAÇÃO EM FRANGALHOS

Mantido refém pelo Hezbollah, o Líbano caminha a passos largos para o colapso

Em outubro de 2019, um levante cívico contra toda a classe política libanesa derrubou o governo do país. Em agosto passado, uma explosão química cataclísmica destruiu o porto de Beirute, devastou distritos inteiros da capital e derrubou igualmente o sucessor do governo deposto. Depois de sete meses de disputas pelo poder, o Líbano é um país falido e ainda está sem governo, engolido por uma espiral de crises.

Em vez dos governantes avaliarem esta emergência nacional por inteiro, o país é atormentado pelos abutres políticos que se alimentam vorazmente de sua carcaça. Mais de três décadas depois da guerra civil (1975-1990), os libaneses estão sendo mantidos reféns por grupos sectários dos senhores da guerra trajados de ternos, como o Hezbollah, o movimento paramilitar xiita apoiado pelo Irã que se tornou um estado dentro do estado, guardando consigo a chave mestra.

É difícil medir a difícil situação do Líbano, que caminha para o colapso. Enfraquecido por uma

crise financeira fiscal - de dívida bancária - pela pandemia do novo Covid-19 e pelas consequências da explosão no porto, não se vê qualquer sinal de vida remanescente na Economia. A moeda local foi desvalorizada em quase 90 por cento. À medida que os negócios falham, cresce o desemprego e a fome, juntamente com a disseminação da mendicância e da troca.

Os lendários bancos libaneses que emprestaram 70 por cento de seus ativos a um estado insolvente e ao banco central, estão essencialmente falidos e impediram a maioria dos depositantes de utilizar suas economias. O prazo para recapitalizar os bancos já passou, com apenas uma leve pretensão de reestruturação. O governo interino continua mancando. Não há orçamento e em breve não haverá moeda forte para pagar as importações, enquanto o banco central imprime cada vez mais dinheiro sem valor alimentando a hiperinflação.

Ninguém enxerga com clareza onde está o ponto de ruptura do Líbano. O país sobreviveu a guerras, invasões, ocupações e assassinatos em série, mas está ficando sem dólares para subsidiar as importações de

FOTOS: REUTERS



Manifestante próxima às chamas que bloquearam uma estrada ao norte de Beirute, durante protesto contra a desvalorização da libra libanesa e as crescentes dificuldades econômicas



Parentes das vítimas da explosão no porto de Beirute em frente ao Palácio da Justiça. Os pneus foram queimados em protesto contra o afastamento do juiz que liderava a investigação sobre as causas do acidente

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/



trigo, remédios e combustível - itens que o Ministério das Finanças estimou no ano passado como 60% do orçamento doméstico médio. Os detentores de poder no Líbano se recusam a se envolver seriamente com os planos de resgate do FMI.

Doadores liderados pelos EUA, França, Reino Unido e Arábia Saudita estão prontos para apoiar um governo capaz e comprometido com a reforma, mas a classe política se recusa a formá-lo. Seus membros são todos cúmplices. O partido cristão do presidente Michel Aoun, apoiado pelo Hezbollah, insiste em um gabinete lotado de políticos em vez de tecnocratas, sobre os quais eles teriam direito de veto.

Há disputas pelos outrora lucrativos ministérios de energia e finanças. Mas os verdadeiros bloqueios são ainda mais difíceis de superar. Entre as muitas pré-condições para qualquer resgate está uma auditoria forense do banco central e das finanças do estado. O Banco Central tem resistido com base nas leis de sigilo bancário. Elas não foram projetadas para esconder falência e peculato maciço, o que poderia ser facilmente revelado por uma auditoria.

O Hezbollah e o bloco pró-Teerã querem esperar para ver o que emerge da tentativa do governo Biden de se reaproximar do Irã. Não querem arriscar sua

“ Os EUA, França, Reino Unido e Arábia Saudita estão prontos para apoiar um governo capaz e comprometido com a reforma ”

valiosa aliança cristã - que enxergam como fonte de legitimidade nacional - nem arriscar seu poder.

Existem gritos de alerta. O general Joseph Aoun, comandante do Exército libanês, quase ignorou a ordem do presidente Aoun (sem parentesco) de limpar as estradas de manifestantes e barricadas, perguntando em vez disso para onde a classe política estava levando o país. A resposta não é encorajadora. Em sua recusa de permitir um governo responsável, enquanto fingem negociar uns com os outros, eles estão levando o Líbano, historicamente uma encruzilhada estratégica Oriente-Occidente no Mediterrâneo, ao fracasso como estado. ■

Embaixadora Carla Jazzar

A nova voz do Líbano no Brasil

Com a missão de manter firmes os laços que unem os dois países, a diplomata assume o cargo em tempos de crise. Por isso, conclama libaneses e brasileiros a reforçarem a cooperação e a solidariedade

Com a experiência de quem atuou como representante máxima do governo libanês nos Estados Unidos, Carla Jazzar assumiu a Embaixada do Líbano no Brasil com o objetivo de ampliar os horizontes nas relações entre os dois países. Ela é a 16ª diplomata - a primeira mulher - a ocupar essa posição desde 1946, quando o Líbano abriu representação ("comissariado") na então capital do País, o Rio de Janeiro.

A embaixadora Jazzar recebeu Carta do Líbano em seu escritório na chancelaria, em Brasília, de onde se tem uma bela vista do Lago Paranoá, um dos mais belos cartões postais do Distrito Federal. Mesmo com pouco tempo no Brasil, ela se mostra bastante ambientada e, mesmo com a entrevista feita em inglês, demonstra entender bastante o português.

Sem nenhuma ideia de como seria sua chegada

aqui, declarou estar muito feliz e grata com a recepção de todos, sobretudo durante a visita de cortesia ao ministro das Relações Exteriores, Ernesto de Araújo, no Itamaraty. "É minha primeira vez no Brasil. Quando fui designada para cá, não sabia o que esperar. Mas vim com todo o coração e tenho sido extremamente bem recebida pelos brasileiros. Isso tem sido muito bom e uma ótima surpresa".

A embaixadora reconhece a importância do Brasil para o Líbano e lembra que há mais de 10 milhões de libaneses e descendentes, segundo dados do Itamaraty, vivendo no País. "É muito mais do que a população do Líbano", comentou. "Meu objetivo é consolidar ainda mais esse vínculo entre os dois países, que tem como principal pilar a comunidade libanesa".

Carla Jazzar informou que dará continuidade aos trabalhos que vinham sendo realizados pelo seu antecessor, o embaixador Joseph Sayah, dentre eles



FOTOS: ROSE LANE CÉSAR

Carla Jazzar é o 16º diplomata e a primeira mulher a assumir a Embaixada do Líbano no Brasil - desde 1946, quando o país abriu representação na então capital federal, o Rio de Janeiro



A embaixadora Carla Jazzar tem como objetivo ampliar os horizontes nas relações Líbano-Brasil

“Tenho o objetivo de intensificar e diversificar os elos entre os dois países em áreas como cultura, educação e política – Carla Jazzar”

a finalização das tratativas para o lançamento da zona de livre comércio entre o Líbano e o Mercosul. O Acordo-Quadro de Comércio Cooperação Econômica, chancelado em dezembro de 2014, facilitará a introdução de produtos libaneses como azeite e vinho nos mercados do bloco de modo competitivo, como também a exportação de produtos brasileiros para o mercado libanês.

Além das questões comerciais, a diplomata afirma que deseja trabalhar para que todos os aspectos da vida pública da comunidade libanesa sejam contemplados. “Tenho o objetivo de intensificar e diversificar os elos entre os dois países em áreas como cultura, educação e política”, pontuou.

Segundo a embaixadora, a relação bilateral “não podia estar melhor”. Ela destaca como maior fator de ligação, a cadeia de solidariedade estabelecida longa cita como exemplo o apoio prestado pelo governo brasileiro depois da explosão ocorrida no porto de Beirute, em agosto do ano passado. A missão oficial foi chefiada pelo ex-presidente Michel Temer.

Em relação ao atual momento vivido por seu país, a embaixadora Carla lamenta as crises financeira, econômica e social enfrentadas pelo Líbano. “Tivemos a explosão, que destruiu o coração do Líbano e o coração de Beirute. E ainda por cima, como o resto do mundo, estamos sofrendo com a pandemia do Covid-19”, lembra. Após uma pequena pausa, ela completa: “Mas o Líbano é um país muito resistente. Como sabemos, um pouco de esperança, um pouco de perspectiva de segurança e estabilidade o ajudaria a crescer novamente”, conclui.

Carla Jazzar estudou Ciências Políticas e Diplomacia. Conta que vem de uma família bastante politizada e, antes mesmo de se tornar diplomata, trabalhou na embaixada libanesa em Paris, durante o período da guerra civil. “Portanto, para mim, ingressar no serviço diplomático foi algo muito natural”, observa.

Com o final do conflito, em 1991, o governo libanês iniciou a seleção para os quadros diplomáticos. “Naturalmente voltei ao Líbano pela oportunidade de realizar a prova e obtive sucesso”, lembra. Sua primeira designação foi para a embaixada em Londres, onde atuou como conselheira, entre 1995 e 1999. Em seguida, trabalhou junto à Unesco

A embaixadora reconhece a importância do Brasil para o Líbano e lembra que há mais de 10 milhões de libaneses e descendentes

como Delegada-Adjunta Permanente, até 2002.

Entre 2004 e o final de 2017, Carla Jazzar serviu na embaixada libanesa em Washington, nos Estados Unidos, primeiro como chefe-adjunta de missão e, nos últimos anos, como chefe. Considera a fase mais marcante de sua carreira. Especialmente em 2006, ao assumir grande responsabilidade, como jovem diplomata, durante o conflito com Israel, conhecido como Guerra de Julho. “Naquela época não tínhamos um embaixador, eu estava sozinha à frente da embaixada. E aparecia em toda parte; em todos os jornais, em todas as mídias americanas. Tive que lutar sabendo que a batalha com a mídia em Washington estava perdida, mas eu fiz o que devia ser feito”, avalia.

Ao final da entrevista, a embaixadora direciona uma mensagem à comunidade libanesa no Brasil: “Mais do que nunca, por conta da situação em que nos encontramos, a comunidade libanesa no Brasil, devido à sua importância, é muito exigida a ser mais prestativa. sobretudo, precisa estar mais em contato com o Líbano, porque o país e as famílias que lá vivem precisam de todo o apoio possível”, conclama. ■

Alessandra Saddi

Uma influencer além do digital

Quer uma dica certa de moda, beleza, lifestyle e cultura? Siga **Lelê Saddi** no Instagram. Ou consulte os projetos e estratégias de marketing que ela desenvolve em sua agência de comunicação

Aos 33 anos, a paulistana Alessandra Saddi é digital influencer das mais seguidas e acessadas. Seu @lelesaddi, no Instagram, possui mais de 420 mil seguidores, acompanhando os posts sobre moda, beleza, lifestyle e cultura. Durante a quarentena, Lelê - como todos a conhecem - promoveu várias lives com convidados diversos abordando os mais variados assuntos, do desempenho de marcas de sucesso até literatura russa. Sem contar que se engajou em várias campanhas solidárias, como a Vakinha #TodosUnidos, ligada à entidade sem fins lucrativos Comunitas e que, em poucos dias, levantou mais de 700 mil reais - de uma meta de

3 milhões - para equipar UTIs da rede pública em todo o país, na luta contra a pandemia de Covid-19.

Lelê é assim, sempre em movimento e envolvida com projetos profissionais, a família e os amigos. "Atuo no mercado de marketing e do digital e sou formada em Administração pela ESPM", conta. Empresária, em sua agência, chamada 360, desenvolve planejamentos estratégicos de comunicação para marcas de moda, beleza e lifestyle. "Desde o desenvolvimento de logomarcas e posicionamentos, até planos com influenciadoras, eventos, co-brandings, conteúdo para redes sociais, design, entre outros".

Aliás, quando fala em profissão, Lelê logo põe em cena as raízes libanesas. Os bisavós maternos e paternos vieram de Homs, Beirute e Zahle.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

A empresária Alessandra Saddi em sua agência de comunicação, chamada 360, que desenvolve planejamento estratégico de para marcas de moda, beleza e lifestyle



Conhecida por todos como Lele Saddi, ela busca o equilíbrio entre a rotina frenética do trabalho com a tranquilidade da vida pessoal

“Sou cem por cento orgulhosa da minha origem libanesa, são raízes profundas cultivadas de geração para geração para geração”

“Sou cem por cento orgulhosa da minha origem libanesa, são raízes profundas cultivadas de geração para geração”, declara. Além de gostar de estar com o marido, a família e os amigos em torno da mesa generosa e farta, assume ser uma comerciante. “Por mais que não venda produtos, eu vendo serviço e com certeza esse é o meu forte, uma característica bem libanesa”, define.

Mesmo assim, ainda não esteve no Líbano: “Tenho certeza de que vou me sentir em casa”, garante. E já colocou o destino na lista de roteiros de viagens a serem feitas assim que a pandemia passar.

O momento pós-Covid-19 também será dedicado a novos projetos profissionais. “Um deles é internacional e outro digital, que devo lançar este ano”, revela. Lele sempre está de olho no futuro, buscando e identificando oportunidades. “Procuro o equilíbrio entre a rotina do trabalho e a vida pessoal. Acredito que consigo administrar isso bem”, conclui. Só podemos concordar. ■

ESPECIAL MULHERES INSPIRADORAS

Carolina Massad Cury

Arte na profissão, Líbano no coração

Neta de libaneses e com formação em marketing, Carolina Massad Cury passou por grandes corporações e hoje faz da gestão de projetos culturais e artísticos a sua profissão

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Carolina Massad Cury é gestora de projetos culturais e artísticos

Como profissional de marketing e na gestão de projetos, Carolina Massad Cury trabalhou em empresas multinacionais como Ericsson Telecom, Quest International (atual Givaudan Fragrance and Flavour) e Louis Vuitton. “Na Ericsson comecei como trainee na área de Serviços”, conta. Era 1999, quando grandes empresas de tecnologia e comunicação atravessavam a transição da venda de produtos para serviços, como foi o caso da IBM. Promovida para gerenciar os projetos Call Center e Free to Fee na América Latina, posteriormente Carol se tornou sênior na área de Marketing de Serviços.

Em seguida, transferiu-se para a Quest Fragrâncias, também no marketing, desenvolvendo projetos de mapeamento olfativo e estratégia de entrada de novos produtos. Na Louis Vuitton - parte do conglomerado de luxo LVMH - atuou como gerente comercial na loja Haddock Lobo, em São Paulo, fazendo a transição do B2B para B2C - das transações comerciais entre empresas para o atendimento e venda ao consumidor final. Ainda na indústria da moda, foi consultora e gerente de projetos para a Sigbol e a grife italiana Moschino. “Passei a apoiar diversos museus de São Paulo como o MAM, a Pinacoteca e o MuBE (Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia), onde me tornei Coordenadora do Comitê Mecenaz e hoje sou gestora de projetos culturais e artístico”, enumera orgulhosa.

Carol graduou-se em Administração de Empresas pela Universidade Mackenzie, com pós-graduação em Marketing e Gestão de Projetos. Nascida em São Paulo, há 44 anos, estuda arte há 20, e afirma que sua origem libanesa lhe serve como inspiração de vida. “Minha avó materna, Alexandra Riskalla Zacca Massad, era de Beirute e meu avô, João Massad, de Marjeyoun”, conta.

Casada há 18 anos com Jorge Afif Cury Filho, tem dois filhos: João Jorge, de 11 anos, e Valentina, de 6. “Desde que me tornei mãe, passei a trabalhar como consultora de projetos ligados à moda e arte,

“**Ser libanesa é ser humana(o), no sentido da palavra: ter o coração na mão e a casa aberta para todos que chegam**”

para conciliar melhor carreira e família”, explica.

Apesar do apego às origens, Carol lamenta ainda não ter tido o privilégio de conhecer o Líbano. Gostaria de realizar esse sonho em 2021, mas é preciso que a pandemia seja controlada e também que a situação social e política do país se estabilize, depois da tragédia da explosão no porto de Beirute e dos protestos contra o governo. “Quero conhecer o Líbano com a minha família e também com a família do meu marido, que esteve lá recentemente e ficou encantado com tanta beleza e história”, lembra.

Para ela, “ser libanesa é ser humana(o), no sentido da palavra: ter o coração na mão e a casa aberta para todos que chegam; com mesa farta, música, alegria e amor. É se emocionar, se entregar e dar tudo de si. É ter um olhar afiado e observador para sempre realizar um novo projeto, um negócio, prosperar. É plantar, somar, evoluir e ter sempre a certeza de que mesmo diante de todas as dificuldades, tudo vai dar certo pois está escrito. Maktub! Yalla!”, saúda. ■



A maternidade levou Carolina a assumir a atividade de consultora de projetos ligados à moda e arte, para conciliar melhor trabalho e família

Ana Claudia Badra Cotait

Empreendedorismo feminino: uma realidade

À frente do Conselho da Mulher das duas principais instituições comerciais do Estado de São Paulo, a brasiliense Ana Claudia Badra Cotait dribla a crise empoderando mulheres e seus negócios

“Quando se capacita uma mulher, ela começa a empreender e isso fortalece diante de qualquer situação de vulnerabilidade em que vive”, diz Ana Claudia

Badra Cotait, atualmente engajada em um trabalho voluntário cujo objetivo é estimular o empreendedorismo feminino.

Presidente do Conselho da Mulher da Associação Comercial de São Paulo (ACSP) e da Federação das Associações Comerciais do Estado de São Paulo (FACESP), ela fala com entusiasmo de seus planos: “Quando assumi eram oito conselhos no Estado, hoje são 150 e minha meta, nos próximos dois anos, é chegar a 350. Nosso intuito é estimular o empreendedorismo feminino. É um trabalho muito prazeroso”.

A ideia é estabelecer um conselho 360 graus, possibilitando às mulheres se graduar na Faculdade do Comércio - ligada à entidade - ou fazer cursos profissionalizantes, através da plataforma digital Profis Online, e assim se reinventar, conquistando a independência financeira. “Acabamos de lançar um programa de crédito de até cinco mil reais, para mulheres de todo o Estado que estão começando a empreender ou que necessitam estimular o seu negócio. E vamos lançar um segundo, de até 80 mil reais, para empreendedoras mais equacionadas no mercado, inicialmente apenas para a cidade de São Paulo”, informa.

Segundo Ana, as mulheres correspondem a 33% dos empreendedores no Estado, muitas delas como a renda principal da família. Daí a importância do auxílio para fortalecer a entrada de outras mulheres no mercado ou melhorar a atuação das que já possuem um negócio.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Ana Claudia Badra Cotait está engajada em ação social voluntária cujo objetivo é estimular o empreendedorismo feminino no estado de São Paulo

Ana Cláudia Badra Cotait é casada com o empresário Alfredo Cotait Neto, atual presidente da ACSP



“Mulheres correspondem a 33% dos empreendedores no Estado de São Paulo, muitas delas são a renda principal da família”

Ela diz ter percebido em 2020 que pertencer a alguma instituição associativa “te dá um colo”. “Quem é associado ACSP encontrou um colo durante a pandemia, uma proteção, conseguiu se fortalecer e ter ajuda no momento difícil”, observa.

Outro ponto que chama sua atenção, é ao ouvir o velho mote de que as mulheres não são unidas. Ao assumir seu cargo atual, ela se deparou com uma realidade bem diferente. “A primeira coisa que fiz foi estabelecer a cooperação com vários grupos de mulheres para podermos ter ações conjuntas para ajudar outras mulheres. As mulheres são unidas sim”, afirma.

Ana Cláudia nasceu em Brasília, formada em Letras e é jornalista.

“Minha família sempre teve negócios nas comunicações, jornais e revistas. Por muitos anos tivemos a revista Foco e hoje meu irmão dirige o GPS Brasília, em formato impresso e digital, que é um grande sucesso”, conta.

Trabalhou por 34 anos no Senado Federal, onde foi diretora da biblioteca da casa, criando e desenvolvendo vários projetos na área cultural. Entre eles: “A participação do Senado nas bienais e feiras de livro em todo Brasil, apoiado pelos presidentes do Senado Marco Maciel e Sarney. E também o Senado Cultural, com o qual realizamos

muitas exposições, como a dedicada a Machado de Assis, além de vários lançamentos de livros de senadores e grandes escritores brasileiros”, destaca.

A vida profissional na capital do País, junto ao cenário político, revelou-se um importante aprendizado. “Para mim o Senado foi uma escola de vida. Trabalhar no Senado não é fácil, lidar com políticos muito menos. Mas a ligação com a cultura me dava leveza. Hoje, através do trabalho que realizo aqui em São Paulo, vejo que fui uma grande empreendedora no serviço público”, avalia Ana, que diz ter sempre em mente a valorização da cultura, o que não é algo muito comum no Brasil.

Ela introduziu a cultura no Conselho da Mulher através do prêmio Tarsila do Amaral para, anualmente, estimular o empreendedorismo feminino na área cultural. As mulheres podem se inscrever na plataforma do comitê, fazendo um pequeno vídeo para mostrar o que produzem e o que fariam com o dinheiro do prêmio. Também são homenageadas mulheres empreendedoras de sucesso. “Escolhemos a figura forte de Tarsila do Amaral para representar esse incentivo às mulheres que empreendem em todo o Estado”, explica Ana Cláudia.

Descendente de libaneses, Ana conta que sua família é natural de Zahle e seu bisavô Miguel

“Ana Cláudia Badra Cotait introduziu a cultura no Conselho da Mulher da ACSP através do prêmio Tarsila do Amaral”

“Associados da ACSP encontrou “um colo” durante a pandemia, um auxílio e proteção durante o momento difícil”

Badra, constituiu família em São Paulo e construiu uma empresa. O avô, Aniz Badra, foi o único dos filhos a seguir a carreira política, transferindo-se com a família primeiro para o Rio, que era a Capital Federal, e em seguida para Brasília, onde os pais dela se conheceram.

Foi o avô Aniz, que costumava ir todos os anos para o Líbano, quem primeiro a incentivou a conhecer a terra dos antepassados: “Ele me dizia ‘você vai amar’. E eu realmente amo o Líbano, me identifico totalmente com o país, tão pequeno e tão grandioso em cultura e história”. Assim, desde que se casou com Alfredo Cotait Neto - atual presidente da ACSP - a visita ao Líbano tornou-se uma escala anual. Exceção feita à 2020 por conta da pandemia.

“Fico pensando na coragem de nossos antepassados que vieram para o Brasil sem ao menos falar a língua e muitas vezes sem conhecer ninguém. E, mesmo assim, muitos construíram impérios. O impacto das minhas raízes sem dúvida é a coragem, que vem do meu bisavô. Ser uma mulher corajosa e persistente que corro atrás do que eu quero para fazer disso um sucesso. E não desistir porque a gente sempre vence. Se tivermos força de vontade e fé, a gente consegue. Isso o libanês tem de sobra”, conclui. ■

Amra Zatar de Antar

O amor por três países e pela vida

Amra Zatar de Antar nasceu no Brasil, mudou-se para a Venezuela e preserva suas raízes libanesas

A paulistana Amra Zatar de Antar vive na Venezuela há mais de 40 anos, mas ainda é movida pelo amor pela terra de seus ancestrais, o Líbano, e pela sua pátria de nascimento, o Brasil.

“Nasci em janeiro de 1954, em São Paulo, no bairro do Brás. Filha de imigrantes libaneses, carrego o nome de minha avó paterna como Amra, um costume libanês, que significa lua. Meus pais são de uma cidade do norte chamada Zgharta, é conhecida por seus políticos proeminentes, é o berço dos maronitas, também conhecida por ser a cidade do kibe e por suas lutas, bravura. Tenho certeza de que carrego isso no meu sangue que fala sobre o Ehden”, orgulha-se.

Amra conta que, ao longo da história, muitas mulheres têm lutado para alcançar um lugar de destaque em um mundo que parecia ser dominado por homens. Muitos avanços e costumes mudaram ao

longo dos anos. “Mas qual tem sido meu grão de areia? Eu me mudei para Caracas por amor”, revela. Foi em São Paulo, em 1977, que ela se casou com Raymond Antar, um comerciante, e teve três filhos, que hoje seguem suas carreiras: Muna, George e Evelyn.

“Ser imigrante me ensinou a dar o meu melhor. Acho que o ser humano é migrante desde que ele existe. Porque as pessoas tiveram essa necessidade ou coragem de se mover, a humanidade se desenvolveu”, observa a paulistana.

Se a mudança de país definiu a vida de Amra, suas origens libanesas também estão presentes em sua vida. “Quando você ouve a palavra raízes, pensa imediatamente em uma árvore centenária, ancorada no chão há décadas. Você sabe, porque você aprendeu desde que era pequeno, que a profundidade das raízes é essencial para sobreviver, para nutrição, estabilidade e desenvolvimento”, destaca ela. “Algo semelhante acontece com as raízes da família: embora estejamos longe de parecer uma árvore, temos algumas semelhanças.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Na Infância, Amra Zatar de Antar aprendeu que a profundidade das raízes é essencial para a sobrevivência



Ao longo da vida Amra Zatar de Antar se adaptou e tirou o melhor proveito da vida em três países: Brasil, Venezuela e Líbano

Em ambos os casos, as raízes permanecem ocultas e precisamos remover um pouco de solo para verificar até que ponto elas vão, como são desenvolvidas e em que estado estão”, compara a imigrante.

Para Amra, a transmissão da tradição, raízes familiares para os filhos, é essencial para que eles tenham um sentimento de pertencimento, de união e de orgulho em suas origens, o que definitivamente fortalecerá sua personalidade e sua capacidade de se reconhecer como a continuação de uma história.

“Eu aprendi a me adaptar mais e a valorizar as qualidades dos três países: Brasil, Venezuela e Líbano”, ressalta. Ela conta que ama ir ao Líbano, especialmente para o Ehden. Informa ainda sobre o que a manteve na Venezuela, mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas pelo país. “O mais importante é que tenhamos muita esperança, otimismo para lutar para construir um país melhor e isso é alcançado através do trabalho”, reconhece.

Em seu papel de apoiar a comunidade, Amra trabalha junto à comunidade libanesa na Venezuela. Foi presidente da Associação de Senhoras de Zgharta, uma organização civil sem fins lucrativos, formada por mulheres nascidas lá e filhas e noras de semear uma semente de esperança. “Cumprimos nossa missão através do nosso trabalho de ‘fazer o bem, sem olhar para quem’”, observa. “Meu filho sempre me diz que tenho que ser a presidente ou a ajuda da ‘Fundação Deportivo La Guaira’, mas a situação no país não me permite, no momento, fazer algo para crianças e futebol”, lamenta.

A história de Amra também é de superação ao enfrentar um câncer de mama. “Uma dúvida me atingiu em um mar escuro, mas a certeza me fez sorrir porque descobri a tempo. Quando fiz meus exames de rotina e eles me viram algo que não aparecia no ano anterior. Eu estava sozinha. Tentei ser corajosa, mas comecei a chorar. Minha família e amigos foram muito solidários. Essa cicatriz me fortaleceu, então a importância da vida de prevenção às vezes atinge você, mas ensina e recompensa”, conclui. ■

“A transmissão das raízes familiares para os filhos, é essencial para que eles tenham um sentimento de pertencimento”

Juliana Kappáz Sabbag

Cinema como ação social

Apassionada por filmes, Juliana Kappáz Sabbag criou um cineclube para conhecer e discutir a atualidade através da sétima arte

“**M**eu ramo de atuação é a cultura, mais especificamente o cinema”, declara Juliana Kappáz Sabbag, uma apaixonada por filmes que, há nove anos, idealizou e criou o Cinema na Mesa, um espaço de troca e reflexão através da arte. “Minha maior motivação é contribuir para a formação humana por meio do cinema como ferramenta de construção coletiva de ideias. Quando pensamos juntos pensamos melhor. Acredito no poder transformador dos filmes”, completa.

Empreendedora, curadora e crítica de cinema, essa paulistana de 47 anos é descendente de libaneses e sírios: “Meus pais são primos, por isso tenho o sobrenome Kappáz dos dois lados”, conta. O caminho dos antepassados para o Brasil começou com sua bisavó paterna, Emília, viúva na Primeira Guerra Mundial que se viu sozinha, aos 30 anos, com oito filhos para criar. Um por um ela os mandou de navio rumo a São Paulo, vendendo joias que tinha e esperando que cada um tivesse idade para viajar sozinho. “Ela veio por último, com meu avô”, informa. A vovó Emília só falava árabe e os netos aprenderam o idioma com ela, pois viviam todos na mesma casa.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Juliana Kappáz Sabbag, empreendedora, curadora e crítica de cinema

Pelo lado materno, a bisavó era síria, de Homs, e o bisavô libanês, de Kfeir. “Minha avó nasceu no Brasil e a família morava em Ourinhos, no interior de São Paulo, onde ainda tenho familiares”, lembra. Sua mãe foi a filha mais velha, nascida quando a avó tinha apenas 17 anos.

A veia artística herdou da avó que era Abujamra, conhecido clã ligado à arte e cultura. “Sou muito grata por ter nascido e crescido em uma família grande, onde todos se conheciam e eram primos de alguma forma”, diz orgulhosa. Assume que demorou alguns anos até decifrar toda a árvore genealógica da família, com mais de 50 primos de segundo grau. Segundo ela, todos trazem no peito as mesmas histórias do quintal da avó. “Aqueles que transmito aos meus filhos sempre que me recordo delas”, avisa.

Juliana acredita que resgatar raízes e estar em contato com a trajetória familiar é fundamental para a formação da identidade do indivíduo e de seu autoconhecimento.

Por isso, incentiva: “Quem tiver oportunidade de visitar os países de origem de sua família, não deixe passar. É uma viagem muito mais para dentro do que para fora”.

Juliana sabe do que fala pois, em 2018, esteve no Líbano, acompanhada dos pais e da família da irmã. “As comidas, os cheiros, a língua; me senti em casa, tudo muito impressionante e emocionante”, fala sobre o país que considera belíssimo, com um povo hospitaleiro e uma história com H maiúsculo: “Bonita de aprender e de viver”.

Desde então inclui a história síria e libanesa nos grupos de encontro e discussão de cinema. O mais recente newsletter do Cinema na Mesa foi toda dedicada ao Líbano. Aproveitando o momento delicado que o país atravessa, Juliana apresentou aos leitores uma bela iniciativa de ajuda humanitária ao povo libanês: artistas se reuniram para expor trabalhos fotográficos e arrecadar valores para serem distribuídos à causa.

A resposta foi além das expectativas de Juliana, com pessoas agradecendo as indicações de filmes e aderindo à iniciativa humanitária. “Estabeleço uma ponte ao introduzir o trabalho de cineastas libanesas, como Nadine Labaki, a quem admiro

“ Estabeleço uma ponte ao introduzir o trabalho de cineastas libanesas, como Nadine Labaki, a quem admiro muito ”

profundamente, sobretudo pelo seu último filme, ‘Cafarnaum’, reflete. Ela também resgatou ‘O Insulto’, primeiro filme libanês indicado ao Oscar, em 2017. “Dois filmes imperdíveis que toda família de origem libanesa deveria assistir”, recomenda.

A cada encontro do Cinema na Mesa, há uma roda de conversa sobre o filme exibido. “É horizontal, leve e descontraída, mas cheia de aprendizados porque nós abrimos para escutar o sentimento do outro”, pondera. Sua curadoria de título procura envolver temas sensíveis da atualidade e as questões urgentes da sociedade.

No momento os encontros têm acontecido na plataforma online Zoom. Enquanto isso, Juliana trabalha para o lançamento, em outubro, de uma startup dirigida à terceira idade. Com oficinas de cinema - onde assina a curadoria - livros, desenho e música.

“O cinema é uma linda porta de entrada para a empatia”, conclui. ■

Para conhecer mais sobre os projetos, siga a conta no Instagram: @cinemanamesa.



Juliana Kappáz Sabbag herdou a veia artística da avó que era Abujamra, conhecido clã ligado à arte e cultura

Julianne Daud

Arte, música e celebração

Totalmente voltada para a carreira como cantora e a atividade cultural, Julianne Daud se espelha no exemplo dos avós, imigrantes que vieram para o Brasil escrever suas próprias histórias de vida

Mesmo sem saber quando a atividade teatral voltará ao normal na cidade de São Paulo, a atriz, cantora e produtora Julianne Daud já tem dois espetáculos musicais para estrear em 2021. O primeiro é uma celebração aos 250 anos de nascimento do compositor alemão Ludwig van Beethoven. Em um registro mais leve e descontraído, o segundo espetáculo é dedicado ao universo dos pets. Trata-se de uma parceria dela com seu sócio, o maestro Fábio Gomes de Oliveira, com o bem humorado título de “PetShop, o Musicão”.

Mas as novidades de Julianne para a temporada não param por aí. Ela também prepara um documentário sobre o compositor clássico brasileiro Carlos Gomes (1836-1896), autor de “O Guarani” e outras obras do repertório lírico. “Ele foi um dos maiores compositores do mundo em sua época”, afirma a cantora, entusiasmada com o projeto.

Julianne Maria Sawaya Daud, nasceu em São Paulo há 49 anos e é neta de imigrantes libaneses. “Meu avô paterno era de Rachaia e o materno, veio de Dhour

el-Choueir”, conta. Aos 14 anos ela fez sua primeira aula de canto e decidiu ali o destino profissional: “Sempre gostei de cantar, era o que eu queria para minha vida toda”, lembra. Desde então têm se dedicado totalmente à arte: “Decidi não ter filhos e, então, conciliar trabalho e família é algo tranquilo. Minha rotina é diferenciada e quem convive comigo já se acostumou com isso”.

Há três anos foi ao Líbano para cantar na Diáspora e aproveitou para conhecer de perto suas origens. “Fiquei completamente apaixonada por todos os lugares que passei e me impressionei com a riqueza cultural, gastronômica e com o povo alegre e cheio de vida”. O ponto alto foi visitar as cidades de onde vieram os avós, Rachaia e Dhour el-Choeir: “Imaginei o quanto deve ter sido difícil para eles, saírem de cidades tão pequenas e acolhedoras para vir ao Brasil e recomeçar suas vidas”, avalia.

Para ela, esses antepassados imigrantes são exemplos de força e coragem, enfrentando uma série de dificuldades para estabelecer novos laços de amizades e criarem suas próprias famílias. “Hoje os vejo como verdadeiros heróis, que encararam a vida com muita dignidade!”, finaliza. ■



FOTO: DIVULGAÇÃO

Julianne Daud foi ao Líbano há 3 anos para cantar na conferência da Diáspora, como bônus conheceu de perto suas origens em Rachaia e Dhour el-Choueir

Ghada Fares

Por um 2021 melhor

Empresária do ramo varejista, Ghada Fares mantém bem atados os laços com a pátria de adoção, o Brasil, e seu amado Líbano natal. Principalmente agora, quando empatia e solidariedade são tão necessárias para um futuro mais digno e mais justo

O ano de 2020 revelou-se uma prova de fogo para todos nós. Muita gente, apesar de tudo, não esmoreceu e foi em frente. É o caso de Ghada Fares, brasileira nascida no Líbano que aqui chegou ainda menina e, hoje, é empresária bem sucedida do varejo. No momento, ela faz um balanço positivo das lições aprendidas durante a crise do novo Covid-19.

“Sou CEO da empresa varejista, o supermercado Buri, fundado pelos meus irmãos Ali e Abdalla, com quem trabalho. Acabamos de concluir a expansão da loja física e, para 2021, o principal projeto é investir nos treinamentos dos funcionários com foco na saúde mental e bem estar da equipe, por tudo que passamos em 2020”, conta.

Outro foco de seu trabalho social, também realizado em família: “Meu irmão Ali começou fazendo ações solidárias por conta própria e acabou me inspirando”, lembra Ghada. Abdalla, outro irmão, se engajou igualmente e iniciaram

a distribuição de cestas básicas. “Doamos inclusive para as tendas de refugiados da Síria e ver aqueles rostos felizes simplesmente não tem preço”, diz emocionada. “Se cada um fizesse a sua contribuição, o mundo seria bem melhor”, acredita.

Ghada Fares nasceu em Kemed el Laouz, no vale do Bekaa, filha de Ahmad Abdalla, já falecido, e de Zakie Fares. A família chegou ao Brasil nos anos 1980, e o pai trilhou o caminho de tantos outros imigrantes libaneses trabalhando como mascate. Mas a vida não foi fácil. Quando Ahmad faltou, Zakie se viu só, não falando português e com quatro filhos para criar - os meninos Ali e Abdalla e as meninas Sawsan e Ghada. “Ela nos criou muito bem”, faz questão de frisar a filha, para quem a mãe é exemplo de espírito guerreiro e fé inabalável. “Tenho tanto orgulho dela que meu coração transborda e isso me dá a força de quem eu sou”. Segundo ela, os quatro irmãos foram ensinados a se colocarem no lugar do outro, guiar-se por valores sólidos e fazer o bem. “Olhando para trás, vejo que valeu cada sacrifício que ela fez para nos educar e para chegarmos aonde chegamos”,



FOTO: DIVULGAÇÃO

Ghada Fares, empresária do varejo, faz um balanço positivo com as lições aprendidas durante a crise do novo Covid-19

agradece. “Tudo que eu puder fazer para ela é muito pouco perto do que ela fez para nós”.

Com a família estabelecida em São Paulo, Ghada formou-se em Administração de Empresa pela Faap e, em seguida, fez pós-graduação em RH, o que a fez se juntar ao irmão mais velho no supermercado da família. “A experiência no trabalho juntamente com a minha formação me deu base e segurança para ficar à frente dos negócios. O contato diário com o público, liderar minha equipe e administrar a empresa me motiva a querer sempre me reinventar, me atualizar e fazer o melhor”, define.

Como tantas outras brasileiras, Ghada concilia atividade profissional e vida familiar, não deixando de dar crédito a colaboradores eficientes a quem pode delegar várias tarefas: “Na minha ausência, a equipe é capaz de tomar decisões e manter as operações funcionando. Estou sempre acessível e posso auxiliá-los remotamente caso seja necessário”. Questão de qualidade de vida, justifica ela. “O fato de minha mãe sempre ter lutado e trabalhado muito pela família, me inspirou a trabalhar e lutar pelos meus objetivos e manter a minha família em primeiro lugar”.

O Líbano, onde já esteve muitas vezes e onde um de seus irmãos vive há cinco anos, ocupa um lugar especial em sua vida. “É um lugar que sempre me encanta com sua beleza ímpar, o encontro entre o antigo e o novo, a história e a modernidade. As religiões coexistem em harmonia e o povo é muito acolhedor. Não acredito que haja país mais acolhedor”, descreve embevecida.

Por isso mesmo, Ghada se mostra triste e apreensiva ao comentar os recentes acontecimentos no país. “A explosão no porto de Beirute foi a última gota para transbordar as grandes dificuldades que o povo tem passado nos últimos anos. Há pessoas desempregadas, sem ter o que comer, sem habitação, sem o básico para viver. E o governo não faz nada absolutamente nada!”, indigna-se. Apesar de ter visto com entusiasmo as manifestações populares que reivindicavam melhores condições de vida, pelas ruas das cidades libanesas, Ghada se diz decepcionada com o nível de corrupção que

“Beirute é uma cidade incrível, com praias, bares, restaurantes vida noturna. Tudo era uma festa, lamenta Ghada”

envolve as autoridades e o governo. “Beirute é uma cidade incrível, com praias, bares, restaurantes e vida noturna. Tudo era uma festa”, lamenta.

Preocupada com a situação de seu país natal, ela se mantém em contato com irmão que vive na mesma Kemed el Laouz, onde nasceram, estabelecendo uma conexão de solidariedade com a população carente. “Enviamos dinheiro e ele faz as doações pessoalmente para as organizações assistenciais locais”, revela. “Minha ligação com meu país é muito forte, nunca deixei minhas raízes para trás”, assume e diz não ver a hora de poder voltar a passar as férias por lá, como fazia todos os anos.

Mas Ghada é otimista e cita Deepak Chopra, que diz que “a doação é uma lei espiritual de sucesso e poderia ser chamada de lei do dar e receber, porque o universo opera através de trocas dinâmicas”. Para o médico e escritor indiano, tudo que se dá, se recebe em troca, seja em saúde, prosperidade, amor, dinheiro. “Acredito muito nisso e sei que nascemos sem nada e morreremos sem levar nada, levaremos apenas as ações que fizemos em vida, sejam boas ou ruins”, conclui Ghada. ■

Mônica Srur Rosales

Uma vida voltada para solidariedade

Ela começou fotografando para retratar “um Brasil que poucos conheciam”. Essa visão se ampliou e a levou ao empreendedorismo social, unindo engajamento e sensibilidade artística

Há 15 anos, Mônica Srur Rosales tem se dedicado à gestão da Associação São Joaquim de Apoio à Maturidade, um centro de convivência e fortalecimento de vínculos que atende 350 idosos em situação de vulnerabilidade no município de Carapicuíba, na Grande São Paulo.

“Meu pai, Alberto Srur, um homem de extraordinária visão, foi quem me pediu para criar esse instituto, a fim de deixá-lo como um legado social”, conta Mônica. Além dos idosos atendidos, o centro também funciona como um polo de ação, discussão e referência sobre a dignidade da população de terceira idade na região.

“Tenho três filhos adultos que me apoiam nesta missão e já realizaram trabalhos voluntários por lá, voltados para as áreas de psicologia e artes, assim como atuando no conselho”, diz. O ex-marido de Mônica - “meu grande amigo” - também é professor voluntário de artes no centro. Ela acredita que: “Quando despertamos para a equidade social, somos picados e não tem volta. Doar e ter um

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Após dez anos, primeiras usuárias se unem para relembrar o início da Associação junto a professoras de música e atividade corporal, além de Mônica Srur Rosales (3ª da esq. para dir., em pé) que coordena a entidade



propósito elevado de vida é a maior riqueza que alguém pode ter”.

Empreendedora social, terapeuta artística e biográfica, Mônica Srur Rosales, 61 anos, é paulistana e iniciou a vida profissional como fotógrafa: “Fotografando o Brasil que poucos conheciam”, lembra. Estudante de Psicologia, não concluiu o curso e, como vivia em Londres na juventude, passou a estudar no Emerson College, escola com base antroposófica, cujos princípios unem espiritualidade, respeito à natureza e atuação prática.

Formou-se em Terapia Artística e viajou pelo mundo adquirindo experiência profissional. “Era uma época de rebeldia, de exploração de territórios novos e desconhecidos. Trabalhei colhendo uvas em uma fazenda na França, colhi cerejas à beira de um fiorde na Noruega e também atuei em uma comunidade para pessoas especiais na Escócia”, enumera.

Na volta ao Brasil, engajou-se em ação social voluntária na Favela Monte Azul e, paralelamente, na Clínica Tobias, no bairro paulistano de Santo Amaro. Foi terapeuta por mais de 25 anos, acumulando diversas formações como Pedagogia Waldorf, Aconselhamento Biográfico e Constelação Familiar, “que me abriram para um olhar sistêmico do ser humano, compreendendo que somos todos interdependentes”.

“Esse quê de saber negociar, fazer uma rede de amigos e buscar a paz, não será que vem de lá (Líbano) também?”

“Meu pai, Alberto Srur, foi quem me pediu para criar esse instituto, a fim de deixá-lo como um legado social”

Como uma Sherazade contemporânea, foi contadora de histórias e continua usando a base imaginativa dos contos como recurso em seu trabalho social e terapêutico. Faz questão de mencionar o avô poeta, Felipe Lutfalla, e a mãe Aída, que desde a infância estimularam e apoiaram seu dom literário.

Os antepassados de Mônica - avós paternos e maternos - vieram de de Zahle e Baskinta, no Líbano. Porém, infelizmente ainda não conheceu a região: “Todas as vezes que tentei ir ao Líbano houve um impedimento, principalmente devido à situação de conflitos no país”, esclarece.

A influência libanesa, no entanto, está totalmente presente em sua vida. “Não deve haver um libanês sequer que não tenha uma maneira generosa de abrir sua casa e oferecer uma mesa farta para quem quer que seja”, diz lembrando dos exemplos recebidos das avós, tias e de sua mãe.

Acredita também que o empreendedorismo e a coragem são heranças do pai e dos avós, que vieram para o Brasil movidos pelo espírito desbravador e muita força de vontade.

“Esse quê de saber negociar, mesmo não sendo negociante, fazer uma rede de amigos e buscar a paz, não será que vem de lá também?”, questiona com orgulho e bom humor. ■



Mônica Srur, empreendedora social, terapeuta artística e biográfica, iniciou a vida profissional como fotógrafa

Heloisa Abreu Dib Julien

O amor pela história

Descendente de sírios, a paulistana Heloisa Abreu Dib Julien fez do resgate de suas origens e dos imigrantes sua missão profissional e de vida

A historiadora Heloisa Abreu Dib Julien, 60 anos, está à frente de um projeto de digitalização da memória dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil, patrocinado pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira. O fascínio pela história, que a acompanha desde a infância, ganha força no resgate das vivências de seus ancestrais na Síria.

“Meus avós paternos, Zaki Dib e Afifi Anis Sarruf Dib nasceram em Homs, na Síria. Meu avô chegou ao Brasil, por volta de 1912 e minha avó em 1922. Casaram-se em 1926 e tiveram 4 filhos. Meu avô era comerciante de tecidos e armarinhos com loja na Rua 25 de Março. Na esquina da Rua 25 de Março e Avenida Senador Queiroz, construiu um belo edifício de lojas no andar inferior e residências no andar superior onde, nos anos 1960, seus filhos construíram a Garagem Automática Senador, ainda hoje administrada pela família. Zaki Dib foi fundador do Club Homs e participava intensamente das atividades culturais e filantrópicas da época. Infelizmente, faleceu aos 64 anos, deixando minha avó ainda jovem e filhos com pouco mais de 18 anos”, conta Heloisa.

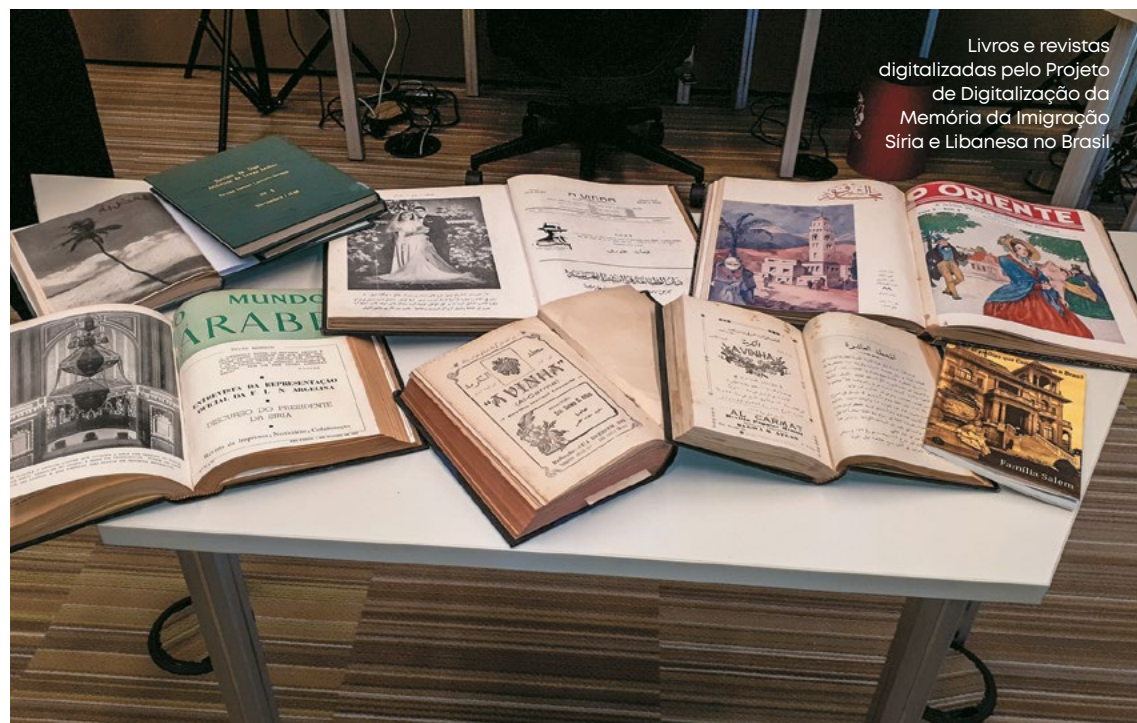
Ela, que sempre gostou de história das civilizações e história da arte, já sabia que prestaria vestibular para o curso de História quando estava no 2º grau, no Colégio Rio Branco. “Prestei apenas na Universidade de São Paulo e lá entrei. No início do bacharelado, eu me apaixonei por arqueologia e pretendia me especializar nessa modalidade. Entretanto, com o passar do tempo, minha atenção voltou-se para a história da arte, museologia e restauro de antiguidades”, descreve.

Sempre tive uma educação eclética e aberta para o mundo. Não poderia ser diferente, tendo um pai físico e uma mãe filósofa! Durante o curso universitário, seu pai, Claudio Zaki Dib, físico pela Universidade de São Paulo e especialista em tecnologia do ensino da física, chamou Heloisa para trabalhar em sua empresa, a Techne-Sistemas Educacionais e de Treinamento. A empresa foi pioneira no planejamento e na criação de projetos educacionais e treinamento empresarial e mídias educativas para as maiores corporações do Brasil, tais como Honda, GM, VW e Gafisa. “A convivência profissional com meu pai, durante quase 30 anos, desenvolveu meu senso de responsabilidade, organização e perfeccionismo, aprendizado inestimável para minha vida pessoal e profissional”,



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Heloisa Abreu Dib Julien, historiadora, está à frente de um projeto de digitalização da memória dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil



“Este é um projeto de enorme importância para a preservação da memória da imigração, ressalta a historiadora”

reconhece ela. “Em uma temporada em Paris, frequentei por mais de um ano a École du Louvre, onde retomei o contato com a história da arte e das civilizações. Essa experiência foi inestimável, pois abriu um novo mundo de descobertas!”, destaca, ao citar outro episódio fundamental em sua formação.

No período de 2006 a 2016, teve a oportunidade retomar às suas origens, realizando um trabalho voluntário no Instituto da Cultura Árabe – ICArabe, onde trabalhou na organização e coordenação de atividades culturais e no planejamento, organização e coordenação de cursos oferecidos para público em geral, com o objetivo de divulgar cultura e história dos povos árabes. No ICArabe, ela se aproximou dos estudos sobre a imigração como coordenadora do Al-Mahjar – Centro de Memória da Imigração Árabe. “A partir de então, passei a focar meu interesse na pesquisa histórica, genealógica e iconográfica de famílias de imigrantes no Brasil”, informa.

Com o falecimento da avó Afifi, aos 96 anos, Heloisa tomou contato com os inúmeros álbuns de fotos cuidadosamente montados por

seu avô. “Graças a esse trabalho de meu avô, cuidadosamente preservado, pude conhecer os primeiros familiares que chegaram ao Brasil. Foi enorme o meu entusiasmo, tanto que digitalizei mais de 1.000 fotos, localizando nomes e datas. Acabei por iniciar a pesquisa de dados históricos dos quatro ramos de minha família: Sarruf e Dib (sírio), Presta (italiano) e Abreu (brasileiro), montando árvores genealógicas e documentais”, detalha, com orgulho. “Essa pesquisa não está finalizada, pois a dificuldade de encontrar informações é enorme! Como me arrependo de não ter conversado com aqueles tios idosos que tinham tanto a contar!”, lamenta.

ARQUEÓLOGA DA MEMÓRIA DOS IMIGRANTES

Atualmente, o foco de Heloisa está em dois projetos. Desde 2017, ela coordena a Lente Cultural, uma iniciativa informal que reúne um grupo de amigos docentes para realizar palestras e cursos sobre assuntos como história da arte, história das civilizações, patrimônio mundial da humanidade, genealogia, cinema, literatura, entre outros. Nesses eventos, procura priorizar a história do mundo árabe, suas tradições e manifestações artísticas.

Em 2018, Heloisa foi convidada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira para coordenar o Projeto de Digitalização da Memória da Imigração Síria e Libanesa no Brasil, fruto de um acordo de cooperação com a Université du Saint Esprit de Kaslik - USEK, de Jounieh, no Líbano.

O projeto tem como objetivo imediato a preservação e divulgação da memória da imigração através da localização, catalogação e digitalização de documentos, fotografias, certidões, cartas, jornais, revistas, livros e registros históricos datados desde o final do século 19. A pesquisa para a localização desses documentos está sendo feita em acervos públicos e particulares e nas instituições sociais e beneméritas da comunidade sírio-libanesa.

Os documentos localizados e digitalizados pelo projeto devem compor o banco de dados da Biblioteca Digital Internacional da USEK, iniciativa do Centro Latino-Americano de Estudos e Culturas

(CECAL) da USEK, dirigido pelo professor brasileiro Roberto Khatlab, já estando inseridos no projeto vários países, entre os quais a Argentina e o México. Quando a biblioteca for lançada, todos os dados poderão ser consultados, de forma gratuita e online, por pesquisadores e público em geral. “Este é um projeto de enorme importância para a preservação da memória da imigração! No período de julho de 2018 a março de 2020 foram digitalizadas 106.000 imagens!”, ressalta a historiadora. “Entretanto, meu sonho vai mais além, pois espero em breve organizar um portal interativo que possa receber as imagens de fotos e documentos vindos de todos os cantos do Brasil, assim como as histórias contadas por cada família! É um sonho, mas creio ser possível torná-lo realidade!”, revela.

Embora tenha como missão o resgate histórico dos imigrantes e de certa forma, de suas próprias origens, Heloisa nunca esteve no Líbano, nem em Homs, na Síria, terra de seus avós paternos. “Quando surgiu a oportunidade, logo após o início da Primavera Árabe, a situação da Síria não permitiu minha visita. Espero logo ter a oportunidade de conhecer o Líbano”, projeta.

“Meu pai sempre teve muito orgulho de suas raízes sírias! Minha mãe, Dora Presta de Abreu Dib, com ascendentes italianos e brasileiros, desenvolveu amor e respeito pela cultura ancestral, pois sua família sempre teve amigos dentro da coletividade árabe e admirava muito a cultura e tradição. Minha irmã e eu tivemos uma educação voltada para o conhecimento da história, costumes e cultura dos sírios e libaneses de forma natural”, recorda. A infância e adolescência de Heloisa foi passada no Esporte Clube Sírio e no Club Homs, onde seu pai foi diretor cultural e vice-presidente por vários anos. Ele foi fundador da FEARAB – Federação das Entidades Árabes e vice-presidente Cultural da Câmara de Comércio Árabe Brasileira, o que manteve a família sempre atualizada quanto à situação política do mundo árabe e interessada na história da imigração. “Tenho muito orgulho de ser descendente de pessoas tão fortes e corajosas, que semearam trabalho duro e esperança e colheram prosperidade, amor e respeito nesta terra brasileira!”, celebra Heloisa. ■

Vivian Khouri Samara

Empatia e satisfação

Vinda de uma próspera família ligada às finanças e ao comércio, Vivian Khouri Samara encontrou na doação aos realmente necessitados uma atividade enriquecedora e gratificante

“**S**ou Vivian Khouri Samara e nasci para pensar também nos outros”, declara essa filha de um imigrante libanês, nascida em São Paulo e que está envolvida em ações sociais e humanitárias desde sempre. No momento, Vivian faz parte de um grupo de mulheres dedicadas à paz: “Somos judias, muçulmanas e cristãs árabes e lá fiz grandes amizades”, diz. Através de palestras e outros eventos mensais, elas procuram promover o encontro e a união das religiões. Ela conta que em um de seus eventos, “reunimos rabinos, bispos e xeques”. Além de terem recebido um grupo de mulheres judias e palestinas que vinham de Israel e trabalhavam em uma mesma escola.

Quando os primeiros refugiados da guerra na Síria começaram a chegar ao Brasil, Vivian se engajou em uma campanha para levantar um fundo de auxílio, conseguindo doações entre seus amigos do Clube Monte Líbano e atendimento médico junto aos profissionais de saúde do Hospital Sírio Libanês. “Foi incrível, parecia que Deus ia abrindo as portas”, conta entusiasmada. Considera uma das experiências mais enriquecedoras e de maior aprendizado em sua vida, assim como na vez em que se viu em um campo de refugiados. “Achei

estranho porque havia muita ordem e muitas regras, sendo que as pessoas responsáveis foram muito gentis comigo. Pouco tempo depois, descobri que faziam parte do Estado Islâmico e então me afastei rapidamente”.

Vivian não tem dúvida de que essa empatia, esse interesse pelo outro, tem a ver com suas origens. Seu pai, Michel Khouri, nasceu em Zahle, em uma próspera família de banqueiros - o banco mais tarde foi adquirido pela família Safra. Michel saiu do Líbano e viajou pelo mundo, tendo vivido na França e no Canadá. Veio ao Brasil visitar a irmã, que estava casada e morava em São Paulo, onde conheceu Odette, sua futura esposa e mãe de Vivian - os pais dela também eram de Zahle. O avô materno, Wadih Cury, era conhecido em São Paulo como proprietário do Empório Sírio, um ícone do varejo paulistano que até hoje comercializa produtos e especiarias árabes. A avó, Rosalie, fundou a Rosima, famosa pela gastronomia libanesa.

“Minha infância foi muito boa e tive a oportunidade de visitar o Líbano várias vezes, desde os 2 anos de idade”, lembra. Ainda possui muitos parentes por lá e grandes amigos, com quem fez inúmeras viagens pela Europa. “Sou uma libanesa com hábitos muito arraigados, adoro receber em casa e um bom aperitivo”, faz questão de ressaltar.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Vivian Khouri Samara define-se como alguém nascido para ajudar e pensar no próximo



Vivian se engajou em uma campanha para levantar um fundo de auxílio para os primeiros refugiados da guerra na Síria que chegaram ao Brasil

“ São fornecidas quentinhas para mais de 1500 pessoas em situação de rua, através de doações de restaurantes e pessoas ”

A pandemia surgida no passado fez aflorar a vocação de Vivian pelo trabalho social. “Comecei a fazer parte de um grupo de auxílio de pessoas em situação de rua”, conta. Os encontros acontecem em um colégio e ela faz parte da brigada que cozinha e fornece refeições para 250 pessoas. Além disso, o grupo também mantém uma tenda em frente à igreja de São Francisco, no centro de São Paulo, supervisionada pelos freis franciscanos. “Lá são fornecidas quentinhas para mais de 1500 pessoas em situação de rua, através de doações de restaurantes e pessoas físicas”, informa. “São pessoas que se revelam ariscas e muitos ansiosas, inclusive pela própria situação, mas trata-se de uma experiência gratificante e já sou bem conhecida entre eles. Uma vez, parei com meu carro em um semáforo, um deles me reconheceu e foi a maior festa”, recorda carinhosamente.

Mas Vivian gosta de dar crédito a todos os envolvidos nessas ações, principalmente ao apoio que encontra dentro de casa por parte do marido, Elias Samara; dos filhos Gabriel, Stefanie e Lara; e do genro Duda. “Várias vezes durante os jantares em família, estou ausente porque estou providenciando o jantar dos necessitados”, diz. E conclui: “Neste trabalho descobri o quanto o povo libanês é generoso, pois todo o auxílio que peço recebo prontamente, principalmente daqueles que não conheço”. ■



O LÍBANO
É NOSSA
PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

Leila Youssef Kuczynski

Os sabores do coração

Nascida em Barretos, criada no Líbano e paulistana por opção, Leila Youssef Kuczynski criou, em seu restaurante Arábia, um dos cardápios mais queridos e deliciosos da cidade

De um lado a psicologia e do outro, a gastronomia. Um equilíbrio entre desempenhos profissionais que Leila Youssef Kuczynski consegue administrar com maestria desde os anos 1980. Como ela mesma relata: “Sou psicoterapeuta e atendo em consultório particular desde 1978, quando ainda trabalhava na Febem (hoje Fundação Casa), onde permaneci por nove anos e, desde 1987, conjugo o consultório e restaurante”.

A rotina dividida entre pacientes e o restaurante da família começou quando Leila se casou e o marido, um engenheiro, a convenceu a abrir uma pequena lanchonete e rotisserie. “Na visão dele eu cozinhava bem”, conta achando divertido. “Para mim, cozinhar era apenas um dom natural, uma habilidade que não me distinguia da maioria das mulheres da minha origem”, observa. Por isso, a princípio ela resistiu

à ideia, até por não querer abrir mão da profissão para qual havia estudado tanto. Mas, aos poucos, foi cedendo. “Quando abrimos, já tínhamos uma filha e eu estava grávida da segunda. A terceira veio cinco anos depois”, lembra a mãe orgulhosa.

Sorte a nossa, pois do entendimento entre marido e mulher nasceu o Arábia, um dos restaurantes mais conhecidos e queridos de São Paulo. Hoje, são as três filhas do casal que tocam o negócio da família, enquanto Leila responde pelas receitas do menu, pela qualidade e padronização das preparações e da apresentação dos pratos, além do treinamento de equipes. O tradicional restaurante da rua Haddock Lobo, nos Jardins, é acompanhado pelas franquias Arábia Express e o serviço de buffet para eventos.

Leila Youssef nasceu em Barretos, no interior paulista, há 66 anos. É formada em Psicologia pela PUC-SP, com especialização em Cinesiologia pelo Instituto Sedes Sapientiae. Entre os três e os oito anos de idade, ela viveu no Líbano, em



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Leila Youssef Kuczynski consegue unir seu trabalho com Psicologia e Gastronomia desde os anos 1980

Para Leila, cozinhar é uma forma de se conectar com suas origens, perpetuar a tradição familiar, reverenciar e honrar história e identidade



Hoje, são as três filhas do casal que tocam o restaurante Arábia, enquanto Leila responde pelas receitas do menu, pela qualidade e padronização dos pratos

uma pequena e típica aldeia de camponeses do vale do Bekaa, Mdoukha: “A cidade onde nasceu meu pai”. Sua mãe, nascida no Brasil, também era descendente de libaneses.

A vida em Mdoukha pacata e bucólica: “Tudo girava em torno do cultivo da uva e do figo, nas pequenas propriedades de meus avós paternos. Eu observava minha mãe e minha avó sempre às voltas com a cozinha. Guardo doces lembranças, indelével marcas afetivas”, conta.

No retorno ao Brasil, foram quatro anos morando em Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, e em seguida um período em Barretos. Nas duas cidades, muitos parentes e uma colônia libanesa e síria numerosa e calorosa. “As mesas eram fartas, repletas de incontáveis especialidades árabes, preparadas pela minha mãe e suas amigas. Às vezes, até havia pequenas disputas para saber quem cozinhasse melhor”, lembra.

Consta que o pai de Leila, ao chegar em casa e se deparar com os quitutes preparados pela mulher, costumava dizer: “Isto não é para se comer sozinho”. E saía para buscar alguém com quem pudessem compartilhar o banquete. Cozinhar e receber tornaram-se marcas registradas da família.

O Arábia nasceu “Arabinha”, um pequeno espaço com apenas cinco mesas, em um espaço contíguo ao que hoje é o restaurante. Mesmo assim o cardápio era extenso, composto por vários pratos: “Todos os que compunham as refeições da minha casa”, Leila faz questão de assinalar.

O casal trabalhou muito, aprendeu outro tanto, recebeu o devido reconhecimento e trataram de brindar seu público com crescimento e expansão. Atualmente, existem produtos vendidos em supermercados que levam a marca Arábia.

Leila recorda que ao chegar em São Paulo para estudar, em 1973, sentia muita falta daquela comida boa de casa. Decidiu ela mesma resolver essa carência se aventurando na cozinha. “Embora eu não soubesse formalmente como fazer, tinha o registro preciso, a lembrança do modo de preparo, do aspecto, aroma e sabor de

“ Para mim, cozinhar era apenas um dom natural, uma habilidade que não me distinguia da maioria das mulheres da minha origem ”

cada prato. Incrustados na memória”, orgulha-se. Quando batia uma dúvida, fazia um interurbano para a mãe que, detalhe, não possuía nenhuma receita escrita. “Ela dizia, ‘é isso mesmo filha, um punhado disso, uma pitada daquilo... *chuit hadass, chuit riz, camchet melech, nuss bhar...*’, você sabe, filha!”.

Nessa memória afetiva, cheia de generosidade e prazer, que reside o segredo da gastronomia de sucesso do Arábia. “Para mim, cozinhar evoca doces reminiscências. É uma forma de me conectar com minhas origens, perpetuar minha tradição familiar, reverenciar e honrar minha história e identidade. É desse modo que o Líbano mora dentro de mim”, acredita.

Avó de uma menina, Helena, Leila confessa: “Meu projeto mais secreto é transmitir a ela esse conhecimento, um legado que me foi passado com afeto e generosidade e ao qual sou profundamente grata!” ■

FAÇA PARTE DA MAIOR COMUNIDADE DE EMPREENDEDORES DE SÃO PAULO! ASSOCIE-SE.



É **essencial** para o desenvolvimento da atividade empreendedora contar com uma poderosa rede de relacionamento e com a representatividade da **Associação Comercial de São Paulo (ACSP)**. Com uma trajetória de 126 anos de atuação em **defesa** do comércio e serviços, a ACSP é facilitadora do dia a dia das empresas oferecendo soluções e serviços com **condições especiais**. São 15 Distritais localizadas em várias regiões de São Paulo, uma delas **bem perto de você**.

Faça parte da maior comunidade de empreendedores de São Paulo! Associe-se.

Oferecemos uma série de produtos e serviços aos empreendedores para apoiá-los em seus negócios. Conheça os principais:



Plataformas Digitais



Serviços Financeiros



Serviços de Telecomunicação



Serviços de Apoio ao Associado (Balcão do Empreendedor)



Serviços de Resolução de Conflitos Empresariais



Clube de Descontos



Capacitação



Telefone e WhatsApp: (11) 3180-3737

ACSP.COM.BR

Facebook: /
associacaocomercialsp
Youtube: /acspdigital
Twitter: @ACSP_oficial

Linkedin: /company/
acsp/
Instagram: @acsp_oficial
Flickr: acsp_photos



**ASSOCIAÇÃO
COMERCIAL**
São Paulo

Alessandra Frisso

Inspiração e engajamento

Presidente do comitê feminino da Câmara do Comércio Árabe Brasileira, Alessandra Frisso é especialista em pesquisas e coloca seus conhecimentos a serviço da integração entre dois povos

Em árabe, a palavra “wahi” significa “inspiração”. Por isso, esse foi o nome escolhido para o comitê feminino da Câmara de Comércio Árabe Brasileira criado no ano passado. O propósito é a troca de experiências - em diversas áreas de atuação profissional - e a aproximação entre mulheres árabes e brasileiras através de histórias e desafios comuns e compartilhados. “Acreditamos que esse intercâmbio nos estimule a empreender, realizar e inovar em nosso dia a dia, nos nossos negócios e em nossas vidas”, diz Alessandra Frisso, presidente do Wahi - Mulheres que Inspiram e diretora da H2R Pesquisas, empresa ligada à câmara árabe.

De acordo com Alessandra, o comitê possui três pilares: desenvolvimento dos negócios, promoção e intercâmbio cultural, responsabilidade e marketing social. A partir do conhecimento e da discussão de questões comuns haverá uma consciência mais ampla das

diferenças de comportamento e dos desafios das árabes e brasileiras. “Ao darmos voz às mulheres, valorizamos ideias, contribuições e construímos pontes de confiança e respeito”, resume a presidente.

Também fazem parte da direção do Wahi a engenheira civil Claudia Yazigi Haddad e a historiadora Silvia Antibas, tendo como colaboradoras Daniella Leite, Fernanda Baltazar, Mariana Marques, Cristina Schuler, Isaura Daniel, Karina Cassapula, Ana Cristina Oliveira e Marina Sarruf.

A empresa H2R de Pesquisas Avançadas, em parceria como Ibope Inteligência, realizou um minucioso levantamento sobre os árabes e seus descendentes no Brasil, encomendada pela Câmara de Comércio Árabe Brasileira*. O estudo apontou que 6% da população brasileira é formada por árabes e descendentes - um contingente de 11,6 milhões de pessoas. Desses, 45% pertencem às classes A e B - índice superior ao da população brasileira, que é de apenas 24% - e apenas 13% está na classe D e E.

Acredito que um ponto que chamou atenção para todos, foi a questão da distribuição socioeconômica da comunidade árabe. Os dados mostram que 45% da população árabe pertence às classes A e B - essa distribuição em termos de classe social é muito superior à da população brasileira, que é de 24%. Além disso, só 13% da população árabe está nas classes D e E. Em outro ponto, 29% têm diploma de ensino superior. “Essa escolaridade foi conquistada aqui no Brasil, onde os primeiros imigrantes árabes chegaram há cerca de 100 anos”, comenta Alessandra, sobre um dos resultados da pesquisa que mais chamou sua atenção.

Especificamente no âmbito feminino, mulheres compõem uma parte significativa entre os 26% de lideranças empresariais árabes no País. “São proprietárias, fundadoras, sócias, C-levels ou diretoras de empresas e entidades que também exercem um relevante papel em ações de responsabilidade social”, esclarece Alessandra.

Ela ressalta que os costumes árabes, principalmente na culinária, estão muito presentes no cotidiano dos brasileiros. “Sempre convivi com amigos árabes, casei com um filho de sírios e sinto como se tudo fosse parte das minhas origens”.

Ainda de acordo com a pesquisa, 92% das pessoas de origem árabe se sentem brasileiras. Alessandra observa: “Acredito que esta é a evidência mais forte de como os árabes se sentem acolhidos. Além do orgulho por sua origem, eles se identificam com o País e com os brasileiros”. O Brasil aparece como escolha para a imigração pelo acolhimento, por ser um país pacífico e pelas oportunidades de trabalho.

Concluindo, árabes e brasileiros colaboraram para o desenvolvimento econômico do país, com uma forte presença árabe no comércio, gastronomia, saúde e indústria. “Além disso, a hospitalidade com que o Brasil recebeu os árabes também é um traço comum entre os dois povos, e isto cria uma convivência harmônica, com menos conflitos, mais oportunidades para todos e laços de amizade”, finaliza Alessandra. ■

FOTO: CCAB



Alessandra Frisso é presidente do Wahi e diretora da H2R Pesquisas, empresa ligada à CCAB

“ No âmbito feminino, mulheres compõem uma parte significativa entre os 26% de lideranças empresariais árabes no Brasil ”



Os anfitriões da noite, Antoine e Fernanda Daher, fundadores da Casa Hunter, posam ao lado do cantor e compositor cearense Raimundo Fagner e do cantor Daniel

MAIS DO QUE NUNCA, É HORA DE FAZER O BEM

Sob o lema que “o futuro pode ser melhorado com uma intervenção ativa no presente”, foi entregue o Prêmio Gente Rara, em noite no Hotel Renaissance, em São Paulo. O cantor Daniel foi um dos premiados



Compositor de vários clássicos, Raimundo Fagner encantou os convidados com sua apresentação



Andrea Capecci e Edson Paixão, vice-presidente da Ultragenyx



Caroline Abduch e Tomé Abduch



A promotora Eliana Passarelli e delegada Margarete Barreto

A sexta edição do Prêmio Gente Rara, promovido pela Casa Hunter, aconteceu no último mês de dezembro no palco do teatro Renaissance, em São Paulo. Devido a pandemia, o evento foi realizado em formato misto: presencialmente - respeitando todas as regras de segurança estabelecidas pelas autoridades sanitárias e online.

Os anfitriões da noite Fernanda e Antoine Daher, fundadores da Casa Hunter - entidade sem fins lucrativos, criada em 2013 para garantir soluções públicas e sensibilizar o setor privado e a sociedade em geral para o atendimento de portadores de doenças raras. Antoine Daher é o presidente da Casa Hunter, da Febrararas - Federação Brasileira das Associações de Doenças Raras e da Casa dos Raros - Centro de Atenção Integral e Treinamento em Doenças Raras.

Em seu discurso de abertura da cerimônia, Antoine ressaltou que, apesar da pandemia ter nos roubado “os abraços e os momentos de celebração lado a lado”, a solidariedade foi exercida como nunca.

FOTOS: WILSON SARDINHA

A sexta edição do Prêmio Gente Rara, promovido pela Casa Hunter, aconteceu no último mês de dezembro em São Paulo



Os premiados Daniel e Roberto Giugliani, os anfitriões Antoine e Fernanda Daher, Raimundo Fagner e Giovana Mara Manzari

Ele também destacou as realizações da Casa Hunter um ano desafiador e atípico: triplicou-se o número de distribuição de cestas de alimento às famílias com pacientes raros; foram criadas alternativas de acesso a tratamento seguro para os pacientes em todo país; bem como o início da construção da Casa dos Raros. “De desafio em desafio, reinventamos, reprocessamos, recriamos... Quantas vezes foram necessárias para chegar até aqui”, declarou com orgulho.

A dra. Giovana Mara Manzari, médica da UPA Central e do Complexo Hospitalar da Zona Noroeste, na cidade de Santos, foi uma das premiadas representando todos os médicos. Assim como o médico geneticista e professor Roberto Giugliani - duas vezes citado no ranking mundial de cientistas publicado anualmente pela universidade americana de Stanford - e o cantor Daniel, pelo seu importante trabalho social, pouco conhecido por seus inúmeros fãs.

A apresentação musical ficou por conta do cantor e compositor cearense Raimundo Fagner, que também realiza trabalho social voltado para crianças no interior do nordeste brasileiro.

Como agradeceu o presidente Antoine Daher em seu discurso: “Nosso gigantesco obrigado a todos que nos ajudaram a concretizar essa aventura”. ■



O charme sertanejo romântico do cantor Daniel



Gustavo Riedel, diretor do Dasa



O casal delegado Rafael Dantas e Ellen Amorim Souza Dantas



Flávia Maria do Couto Montenegro e o dr. Nei Botter Montenegro



Lydia Elias Leão Sayeg e 1º sargento da PM, Leandro Pinheiro



Os anfitriões Antoine e Fernanda Daher, presenteados com a estátua de Nossa Senhora do Brasil oferecida pelo cantor Daniel

“De desafio em desafio, reinventamos, reprocessamos, recriamos... Quantas vezes foram necessárias...”

ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



CONTINUÍSMO OU REINVENÇÃO?

Um antigo general chinês, que utilizava a filosofia como tática militar, evoca uma reflexão atual sobre o enfrentamento do terrível inimigo microbiano

Sun Tzu foi um renomado general chinês que utilizava a filosofia como principal fundamento para as estratégias e táticas militares. Contudo, na visão do ilustre general, nem sempre a guerra determinava derramamento de sangue como chancela da vitória. Nem sempre o enfrentamento direto do inimigo era a melhor estratégia para garantir a vitória.

O ano de 2020 entrará para a história da humanidade como um ano de guerra. Uma guerra entre o homem e o germe, uma guerra entre o homem e o intangível microbiano. O ano de 2021 não será um ano totalmente novo, renovado; ao contrário, parte de 2021 será o reflexo de 2020 que jamais findará na mente de todos nós que vivemos profundas mazelas, mortes, crises e novos modelos de conduta.

O ano de 2021 não irá começar, tampouco 2020 irá terminar. Os anos de 2020 e 2021 serão eternamente um único corpo, num único tempo. Não há vantagens no enfrentamento direto deste inimigo microbiano, o qual tem forças para se manter soberano, execrando pessoas e ceifando vidas. Sun Tzu profetizava que “a suprema arte da guerra consiste em vencer o inimigo sem ter que enfrentá-lo”.

O ano de 2021 somente poderá ser suficientemente profícuo se o mesmo se

desvencilhar das sombras incrustadas no ano de 2020. Este amálgama que prende 2021 a 2020 somente será quebrantado pela inteligência emocional de não enfrentar o inimigo frontalmente. Precisamos repensar nossa tática nesta guerra.

Querer enfrentar a pandemia avançando frontalmente contra o inimigo invisível, subestimando a força do inimigo, negligenciando nossas limitações, culminará com a continuidade da guerra de 2020, e não com um renovar de esperanças para um 2021 efetivamente melhor. Nossas armas para 2021 não serão somente cobrir os rostos, mas também alavancar a ciência, as pesquisas, o desenvolvimento e a fé. Precisamos de vacinas para desenvolver imunidade e precisamos de mais inteligência emocional para melhor sedimentar os desafios que ainda serão enfrentados. A chegada de uma vacina será apenas um grão de areia nesta guerra que avança as fronteiras de 2020 e já expõe seu lastro para 2021. Enfrentar frontalmente este inimigo microbiano usando apenas o poderio de uma vacina poderá ser um grave erro estratégico. Para inexoravelmente vencermos esta guerra e tornar o ano de 2021 mais do que mera sombra do catastrófico 2020, precisaremos rever hábitos de vida, comportamentos, modelos de conduta, aliar ciência e fé e reinventar propósitos. ■

** Edmo Atique Gabriel é professor e médico cardiologista*



CARMO COURI
Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

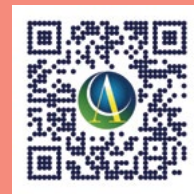
Conheça o comitê feminino

Wahi - Mulheres que Inspiram

Uma iniciativa da Câmara Árabe para desenvolver o intercâmbio de ideias, experiências e negócios entre mulheres árabes e brasileiras.



Esperamos você!
www.ccab.org.br



Câmara de Comércio Árabe Brasileira
الغرفة التجارية العربية البرازيلية

casa Árabe
البيت العربي

📍 Brasil - São Paulo

📍 Brasil - Santa Catarina

📍 Emirados Árabes Unidos - Dubai



[/camaraarabebrazilera](https://www.linkedin.com/company/camaraarabebrazilera)
[/arabrazilian-chamber-of-commerce](https://www.linkedin.com/company/arabrazilian-chamber-of-commerce)



[/camaraarabebrazilera](https://www.instagram.com/camaraarabebrazilera)
[arabrazilianchamberofcommerce](https://www.instagram.com/arabrazilianchamberofcommerce)



[/camaraarabebrazilera](https://www.facebook.com/camaraarabebrazilera)
[/abcc.me](https://www.facebook.com/abcc.me)



[/CamaraArabeTV](https://www.youtube.com/channel/UC...)
[/ArabBrazilianChamber](https://www.youtube.com/channel/UC...)